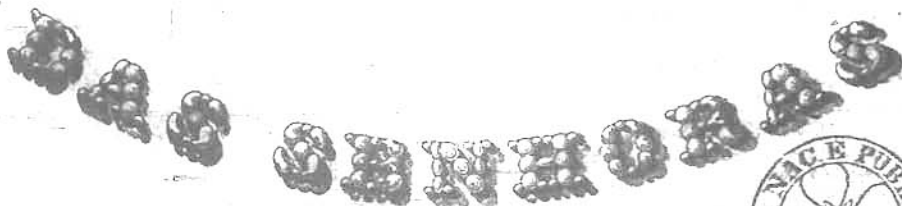


# O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

∞ O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina. ∞

## UMA LAGRIMA

E

### Um tributo de amizade.

Ha quasi um mez que a redacção do nosso *Jornal*, perdeu uma das suas mais assiduas e mais intelligentes collaboradoras!

A sociedade perdeu um dos seus mais bellos ornamentos, a familia uma mãe, uma esposa, uma filha, idolo querido de quantos a cercavão, e podião apreciar suas virtudes, sua instrucção e as raras qualidades que a ornavão!

E esta a vez primeira, que temos coragem de abafar o nosso pranto para preenchermos a triste tarefa de consagrar-lhe algumas linhas... morreu tão cedo! Só vinte dois annos de idade!... E' necessario resignarmos. Os anjos predilectos do SENHOR, descem à terra, só para revelar-nos, que a virtude não é uma palavra, que é uma qualidade divina, e que ella pôde encontrar-se neste mundo, ainda que por um momento... e de passagem para a sua verdadeira morada.

Comtudo, o nosso egoismo revolta-se com essa separação forçada, com esse *adeus*, cujo termo é um arcano, tão lugubre e tão mudo, como o proprio tumulto!

Sim, é dolororissimo, ver gelido e inanimado o ser adorado no qual cifravão-se todas as nossas affeições, todas as esperanças de felicidade e de futuro.... ver paralizados aquelles olhos onde o

pensamento tão bem se liã... emmudecer para sempre a meiga voz que nos afagou com palavras de ternura, com o canto sonoro dos Cherubins... e isso tudo vamos ver cravar em uma caixa estreita e solitaria, para descer a uma cova horrivel e medonha, onde tudo vae converter-se em vermes e depois em ossos seccos, e informes....

Sim, é horrivel isto tudo.... mas é a religião quem deve sarar as nossas feridas, é o pensamento de outro mundo melhor, onde forçosamente havemos de encontrar aquelles que amamos na nossa passagem terrestre...

Morrer! por ventura morrem em nossa lembrança aquelles, cujas virtudes deixão apoz de si uma memoria viva e indelevel? Não, no arcano do pensamento revive a imagem adorada; ali, nas horas em que evocamos os amores do passado, a fantasia nos recompõe essa imagem que a morte nos roubou; no silencio da noite, podemos fallar à celeste visão que evocou a saudade, e podemos contar-lhe as penas nossas, e pedir-lhe consolações que nos minorem a angustia.... Tudo é mysterio em redor do homem!

Essas visões dos mortos, acaso serão ellas só um sonho da nossa fantasia?... talvez!

Folheando as paginas do *Jornal das Senhoras* do passado trimestre, os nossos olhos encontrarão — pensamentos suaves e religiosos, onde uma alma pura e angustia se revela sem querer... Sempre uma lagrima saudosa gotejará sobre a pagina onde os artigos assignados por—E... ve-

não lembrar-nos que D. Emilia Dulce Moncorvo de Figueredo; deixou de existir!...

Publicamos aqui as suas últimas produções, ainda preparadas tres dias antes do dia fatal dos seus primeiros encommodos.

### PENSAMENTOS (\*)

DA ILLM.<sup>a</sup> SRA. D. EMÍLIA DULCE MONCORVO DE FIGUEREDO.

O mundo é um vasto mercado em que os erros se vendem por verdades, os vícios por virtudes.

A verdadeira amizade encontra-se na estrada da vida, como a palmeira no deserto.

O justo morrendo vac pedir a Deus a recompensa do seu amor. E' um filho saudozo, que tem viajado e volta para seu Pae.

A humildade sendo uma virtude; é a pedra de toque, é a verdadeira prova das outras virtudes. Em quanto não fordes humildes, não vos reputéis virtuosos.

Aos olhos de uma sociedade illustrada brilha menos uma soberana quando, rodeada dos grandes da sua corte, está assentada em um throno de ouro e diamantes, que quando, generosa e compassiva, desce á morada da dôr e dos gemidos para ouvir as vozes do infortunio, observar de perto as miserias humanas, e concorrer para mimoral-as.

Aquillo que nós despendemos em superfluidades vem a fazer-nos falta: o que despendemos em esmolas, não. As esmolas são letras saccadas sobre a eternidade. A' nossa chegada cada um as achará pagaveis á vista.

O estado natural do homem é o da sociedade; mas ha situações excepcionaes da vida, em que a solidão lhe é preferivel.

### A Pobre moça.

Não ha nada tão silencioso e tão modesto no mundo como a virtude!

Santa virtude! todos escarnecem de ti! a cada passo o vicio hyprocrita quer ostentar as tuas candidas vestes.

Seres sem consciencia! corações malvados, que, não contentes com abrigar os sentimentos mais abjectos, querem cingir na manchada fronte a corôa de rosas, emblema da virtude!

Ah! é fatigante o estudo do coração humano! Ler nos quasi invisiveis traços musculosos, no volver de olhos mais insignificante, o pensa-

(\*) Todos os outros que tem sido publicados pertencem á pluma da mesma presadissima autora.

mento, as sensações dos outros!... é uma triste sciencia que só serve para desencantar o coração e enlutar a alma com o desalento mais completo!

Ah! se no meio d'esse mundo falaz e mentiroso não encontrassemos, esquecido e silencioso, o perfil suave e consolador da verdadeira virtude, comprenderiamos ás vezes o attractivo até do suicídio, porque ha momentos de indizível fastio da vida para quem recebeu a triste pedes-tinação de ler no coração dos outros!....

Sim, deixae esboçar-vos o quadro da vida da — Pobre moça — escutai.

Eu a conheci desde os mais ternos annos da infancia, foi muitas vezes camarada minha naquelles alegres brincquedos, naquelles dias que não voltão jamais!

Era tão boa! Sempre fazia as vontades aos outros: se erão impertinentes com ella, soffria-os em silencio; nunca se queixava, nunca acen-zava!....

E ninguem tinha a coragem de maltratal-a, porque para as perversidades dos outros ella só oppunha sua doce resignação!

E ás vezes um triste sorriso temperado por uma lagrima!

Orfãde pae muito cedo, desde a idade de sete annos ella cozia para ajudar a sua mãe a ganhar o pão.

Todos os dias, a um grande armazem de tapeceiro, ellas ião cozer até ás seis horas da tarde. Com sol, com frio, com chuva, as duas pobres criaturas lá ião a pé, desde não pequena distancia.

A mãe era tão boa tambem! Coitada, dos quatro filhos que tivera, tres erão homens e em nada a ajudavão, só Joanhinha, era a unica que era boa para com ella!

Joanhinha, desde pequena era magrinha, pallida, as bexigas tinhão-lhe marcado o rosto para sempre. Seus cabellos louros, mas de uma tinta suave, erão sedosos e abundantes; seus olhos azues tinhão uma expressão angelica,

Depois, alguns annos mais tarde, ja era uma moça, mas seu rosto não mudara.

Era sempre aquelle rosto sereno, pallido e cheio de bondade, onde a resignação do soffrimento lhe estava impresso.

Quantas miserias, quantos trabalhos para a triste criatura!

Era sua herança neste mundo! para ella [não devião haver amores, enfeites, prazeres!

Levantar-se com o dia, trabalhar sempre sem repouzo, e nada mais para o futuro.... que essa vida arida, despida de esperanças e de gozos!...

Um dia porém esses tormentos devião augmentar!

Um dia a mãe de Joanhinha não viu mais!

A desgraçada pelo excesso do trabalho, ficara cega!

Desde esse dia, necessario foi, despedirem-se do armazem onde trabalhavão; a pobre cega já não podia mais ganhar o pão!

E sós na terra! só a Deus por amigo!

A pobre moça sabia muito cedinho, fazia as pequenas compras para ella e a mãe, depois tra-

balhava todo o dia e fazia o coner, cuidava da triste cega, e ás vezes levantando a cabeça do trabalho, ao encarar o rosto de sua mãe, onde a mais pia resignação se observava, ao ver aquelles olhos que o trabalho e as lagrimas seccarão para sempre, Joaquinha cruzava os braços, levantava os olhos ao céu, e duas lagrimas lhe rolavam pelas encovadas e desbotadas faces!

Agora, já é necessario tomar algumas horas de seu somno e coser tambem á noite!

Sim, olhai, dentro do seu pobre despido quarto tudo está limpo e arrumadinho.

Doas camas, uma em frente da outra, no meio uma mesa de trabalho.

Dão onze horas ao longe, é noite fria, como as ha no Prata, chuviscos fortes batem os vidros da janella por intervallos.

A cega dorme; sua cabeça toda branca, não pela idade mas sim pelos desgostos, repousa assim mesino com essa paz do justo que não altera as magoas da existencia!

A pobre moça, vela, cose ao pé da mesa, á luz acanhada da vela de sebo.

Se deixa um instante o trabalho, é só para fixar seus olhos n'aquella cabeça veneravel que repousa a dois passos d'ella, cujo sustento depende do seu trabalho, da sua constancia; e da sua saude que ella já sente vacillar!..

E nunca se queixou! nunca contou a ninguem tanta abnegação! nunca mormurou da sua sorte!

Não é formosa, por isso homem nenhum lhe offereceu seu amor.... Ninguem sabe que ella é um anjo, porque ella é silenciosa e modesta e vive ignorada.

Pobre moça! e essa orfandade tão completa acompanhal-a-ha sempre... e um dia morrerá como viveu—só e ignorada!

A's vezes nos nossos momentos de extremos soffrimentos temos perguntado a Deus.

Senhor de que servem neste mundo a virtude e a intelligencia?

### MEU PRIMO EM APUROS.

Eu não sei se minhas queridas leitoras, sabem que eu tenho um primo: não ha cousa mais natural que ter um primo, nem ha neste mundo quem não tenha primos.

Na opinião de alguém de nossa amizade, não ha nada peor do que os taes primos, porque a titulo de parentes, gozão de certa franqueza... em fim este nosso amigo jurava sempre que se chegasse a casar daria um bill matrimonial prohibindo o ingresso dos primos na sua casa.

Eu não duvido que elle tenha razão; eu cá pormim o que sei é, que este tal meu primo é a mais exelente creatura do mundo; é um rapaz que tomou ao serio a vida, que não gosta de brinquedos, ora veção, nem mesmo com as primias!

É a excepção dos primos.

Pois o caso é que o tal meu parente chegou outro dia á minha casa desesperado porque tinha mandado em bora o seu criado.

— Mas creatura, porque o despediste, se tanta falta te faz?

— Porque? respondeu-me elle furioso, porque é um estúpido quadrado.

— Pois então meu caro o que é? o que aconteceu?

— Voce não sabe?... Pois eu lhe vou contar. Hontem, jantarão connigo alguns amigos; ja estavamos á mesa, quando vejo que o meu Thomaz, (assim chama-se o tal criado de meu primo) esquecera-se de comprar rabanetes como eu lhe ordenara antes, chamo-o de parte, dou-lhe cinco mil reis que não tinha mais troco, e digo-lhe, vae, corre, troca este bilhete e compra meia pataca de rabanetes. Isto feito sentamo-nos á mesa, comemos a sopa, e eu a entreter os rapazes e olhar para a porta da escada.... mas qual! nada de Thomaz! Em fim principiamos a jantar, os meus amigos queixão-se da falta de rabanetes; e eu a dizer-lhes, elles já cheção, não tardão por ahi... mas qual, nem Thomaz, nem rabanetes! Por fim, fomos esquecendo os rabanetes, e principiou a conversa, e &c.

— Ja se sabe (interrompi eu) cortaste na pelle das pobres mulheres, que foi um gosto?

— Não senhora, meus amigos fallarão, mas eu não sou capaz.

— Ah! voce não? e então porque sinhózinho?

— Porque tenho tanto medo d'ellas, que não quero dizer nem bem nem mal!

— Ora veção só... pois faze-lhes uma cruz quando passares perto dellas! Mas, anda, continúa a tua historia.

Meu primo tomou um ar mais serio que do costume e continuou:

— Estava-mos nós já no fim do jantar, quando entra o meu Thomaz com um preto de ganho atraz, e todo suffocado e suado. Eu olhei para elle todo espantado, e pergunto-lhe o que é isso rapaz?

— Meu amo, cá estão, eu não pude achar á meia pataca, mas achei por quatorze vintens.

— Por quatorze vintens? o que é que tu achaste por quatorze vintens?

— Os barretes que meu amo mandou buscar. E isto dizendo apresentou-me cinco mil reis de barretes!..

O diabo te carregue ati e aos teus barretes, exclamei! E os meus amigos a rirem-se, Thomaz a olhar para mini-todo embatucado.... oh! Senhor que besta!

Eu desde a noticia dos barretes em troca de rabanetes, estava em uma convulsão de riso... porém, mal viu meu primo que eu meria a chorar, augmentando-se seu desespero, sahio a correr e amaldiçoando o seu criado que lhe trouxe para casa um carregamento de barretes!

## POESIA.

### Uma joven mãe.

« Salve oh! virgem graciosa,  
 « Mãe de Deus Omnipotente,  
 « Eu vos louvo, eu vos adoro  
 « Junto com este innocente

Assim orava  
 Mãe extremosa,  
 Tendo nos braços,  
 Filha mimosa:

Com um sorrir d'innocente,  
 Brando, meigo, lhe pagou  
 Cara filhinha, os afagos—  
 Que lhe fez, quando a beijou:  
 Mãos delicadas,  
 Então alcanço  
 Da mãe o collo  
 Foi abraçando:

« E eu mamã! Não te abraço?  
 — Diz o travesso irmãozinho —  
 « Já me não amas mais, não?  
 « Por não ser pequenozinho?  
 Eternos beijos  
 A' mãe roubando,  
 Fugiu contente  
 Foi-se brincando:

Saltitava a irmãzinha,  
 Que o travesso irmão seguia  
 Co' avista, pois não andava,  
 E a boa mãe se sorria  
 Entre contente  
 E assustada,  
 Ora tranquila,  
 Ora enfadada.

Brincava alegre o infante,  
 A irmãzinha se ria;  
 E a boa mãe contemplava  
 Este quadro de alegria.  
 Frondoso arbusto,  
 Bella mangueira,  
 Sombra espargia  
 Fresca e fagueira.

Olha mamã! vou subir,  
 Buscar-te manga gostosa  
 Bem bonita, para ti  
 Que és p'ramim tão extremosa.  
 Dice e subiu  
 Vivo ligeiro,  
 Colheu a fructa  
 Bem prazenteiro.

Do tronco sêcco escabroso  
 Sae jararaca-ferina  
 Que assusta a mãe que mal pode  
 Socorrer sua menina!  
 O pobrezinho,  
 Que a avistou,  
 Largou a manga,  
 E.... desmaiou.

Despenhado da mangueira  
 N'um galho preso ficou,  
 Pelas roupas pendurado,  
 Que por forte não quebrou

Nesta afflicção  
 Como accudir?  
 Largar a filha  
 Para subir?

Já orepiti venenoso  
 Salto tentava fazer...  
 Oh! pobre mãe que afflicção!  
 A quem ha de socorrer!

Como era mãe  
 Tudo arrostou;  
 A própria vida  
 Ella arriscou

— Prende n'um chale a filhinha,  
 N'um galho de pitangueira;  
 Com uma vara que encontrou  
 Voa ao combate ligeira.

A jararaca  
 Nella saltou  
 Mas de um só golpe  
 Morta ficou!

Sobe ao tronco, arranha as faces,  
 Fere seu collo mimoso,  
 Solta o filhinho assustado  
 Salvo de lance assombroso:  
 Busca a filhinha  
 Que está chorando,  
 Ambos no collo  
 Os vae beijando

Mas!... coitada! está exausta  
 De soffrer tal commoção!  
 Mal chega á casa desmaiada,  
 Logo que tem protecção.  
 Qual avezinha  
 Sem protecção,  
 Salva o filhinho  
 Do gavião

Tal póde o amor maternal!  
 Tanto heroismo elle tem!  
 Que no auge do perigo  
 Elle não teme a ninguem!  
 Ternos carinhos  
 Afago, amor,  
 Doces meiguices,  
 Até valor!

P. de L.

## MISTERIOS DEL PLATA. (\*)

Com o mundo começou uma luta que só  
 com o mundo mesmo acabará, não antes:  
 a do homem contra a natureza, a do espirito  
 contra a materia, a da liberdade contra a  
 fatalidade. A historia não é outra coisa que  
 a relação desta interminavel lucha.

MICHELLETT, Historia de França.

### PARTE II.

#### SCENA DE INTERIOR.

As três horas da madrugada batem ao longe  
 na Cathedral: é uma fria madrugada de outono.  
 A cidade dorme ainda.

Vagão silenciosos os vigilantes serenos que re-  
 petem as horas, e as luzes amarellas dos seus pe-  
 quenos lampeões são as unicas que brilham em  
 meio da profunda obscuridade das ruas e das  
 praças.

Na rua do Restaurador, porém, no alto miran-  
 te de uma espaçosa casa, brilha também através

# JORNAL DAS SENHORAS

# SCHOTTISCHE



*Noronha*

MODERATO



Handwritten musical notation, first system. The system consists of two staves. The upper staff is in treble clef with a key signature of one flat (B-flat). It contains a melodic line with eighth and sixteenth notes, some beamed together, and a fermata over the final note. The lower staff is in bass clef and contains a bass line with chords and eighth notes.

Handwritten musical notation, second system. The system consists of two staves. The upper staff continues the melodic line with eighth notes and some slurs. The lower staff continues the bass line with chords and eighth notes.

Handwritten musical notation, third system. The system consists of two staves. The upper staff continues the melodic line with eighth notes and slurs. The lower staff continues the bass line with chords and eighth notes.

Handwritten musical notation, fourth system. The system consists of two staves. The upper staff continues the melodic line with eighth notes and slurs. The lower staff continues the bass line with chords and eighth notes.

Handwritten musical notation, fifth system. The system consists of two staves. The upper staff continues the melodic line with eighth notes and slurs. The lower staff continues the bass line with chords and eighth notes.

Handwritten musical notation, sixth system. The system consists of two staves. The upper staff continues the melodic line with eighth notes and slurs. The lower staff continues the bass line with chords and eighth notes. The system concludes with a double bar line, a fermata, and the initials "D.C." written in the lower right corner.

das vidraças das janellas uma luz solitaria; esse mirante é uma grande sala, decorada com luxo elegante, ricos sofás estufados, poltronas a Luiz XV dispostas com symetria, grandes consolos, e todas as louçanias da moda se ostentão ali; no meio da sala ha uma magnifica secretária, carregada de montes de papeis differentes; cartas, jornaes, documentos de toda especie.

Ao pé da secretária, em uma rica poltrona de veludo escarlate, está assentado um homem, envolvido em largo chabre de veludo preto; alvo collarinho de finissima camisa deixa ver entre-aberto um pescoço bem formado e branco. Naquelle momento, com os braços cruzados sobre o peito, a cabeça encostada para traz e os olhos meio fechados, parece ceder a um passageiro cansaço physico, a uma prostração de espirito invencivel.

A luz do lampeão solar, que está sobre a secretária, é amortecida por um grande resguardo de seda verde, que projecta uma sombra suave sobre o rosto do nocturno trabalhador.

Encostado na larga poltrona, pôde-se assim mesmo conhecer que é um homem alto e cheio de corpo; seu rosto alvo e ligeiramente colorido parece agora mais pallido. As linhas da cabeça e da região frontal são fortes e pronunciadas, revelando uma intelligencia superior: o cabello, loufo apagado, principia a alvejar nas fontes; o nariz fino e prolongado tem alguma coisa de Fernando VII, e os contornos da boca são severos, e de tal sorte indicão a crueldade, que sem querer revivem na mente o sinistro perfil de Tiberio e de Luiz XI.

Seus olhos, que o cansaço os fechou momentaneamente, são azues claros e tem a attracção mortifera da serpente.

Eis o general Rosas!

Distantes alguns passos do dictador, acorados como dois cachorros, cuxilão os seus dois loucos favoritos.

Rignão e o padre leigo.

Não é só desde a sua ascenção ao poder supremo, que data a mania de Rosas pelos doudos, e seu gosto pelas travessuras mais infernaes.

A imitação dos reis da idade media, Rosas tem seus bufões; porém não os bufões espirituosos cujas respostas passarão á posteridade com os nomes de Francisco I ou de Luiz XI.

Os doudos de Rosas são estupidos e estão essencialmente destinados a servir de martyres, e os seus tormentos, as suas angustias, a divertir o seu senhor, o qual com uma mão lhes prodiga-lha immensos beneficios, e com a outra açouta-os ou o sopra até fazel-os rebentar.

Quando Rosas não era mais que um simples cidadão, a noticia dos seus brinquedos brutaes e perigosos, já corria de boca em boca; sempre os incitativos da sua hilaridade erão os soffrimentos alheios.

Desde que subiu ao poder, esse gosto parecia redobrar, e sua casa era o receptaculo desses doudos inoffensivos que por toda a parte se encontrão, dos idiotas e de todos os desgraçados, os quaes, conservando a fórma de homens, degenerão em brutos.

Dois sujeitos, inbecis, e grosseiros homens escu-

ros, erão os seus bufões, naquella época, os quaes já designamos ao leitor com os nomes de Rignão e o padre leigo.

Rosas abre os olhos, espreguiça-se; depois passando um olhar em torno da sala depara com os dois bufões. Então um appetite infernal se lhe excita, e elle se prepara a gozar do prazer em expectativa, com a mesma embriaguez que o amante que, perto do seu bem querido, estende os braços para apertal-a de encontro ao inflammado coração.

Bate com o punho fechado sobre o escriptorio, e os dois doudos espantados se põe em pé, lançando em redor olhares vagos, e que revelão o medo, apezar do somno que paralisa e envidrece os olhos, como os olhos dos mesmos defuntos.

Rosas considera-os um instante, e pela sua vez se põe em pé.

— São horas de dormir estas, canalha! grita Rosas com tom irritado.

— Eu não dormia, responde Rignão, estava a pensar como farei para livrar-te dos teus inimigos, os selvagens unitarios.

— É verdade isso que estaes a dizer ahí Rignão?

— Ora, se é verdade! é tão verdade como tu és o restaurador, que eu sou Rignão, Corvalan é Corvalan, e cada qual é quem é.

— Amen! disse o padre leigo. Eu tambem não dormia; divertia-me pensando quando mandará o padre prior a este seu humilde servo a algum jantar, para fazer as suas vezes.... bem sabe que hoje foi dia de jejum, e que as minhas tripas cantão que se desunhão.

— Vocês são uns patifes! uns tratantes! o que querem é comer e viver á larga! desavergonhados! E acompanhava estas palavras torcendo as orelhas dos doudos, que fazião as mais estravagantes caretas.

— Ai! dizia Rignão, ai, que me arrancas as orelhas! não seja V. Ex. tão burro, repare que não sou nenhum selvagem unitario, para me esquarterar assim.

— Largue a minha orelha, padre prior! exclamava o outro doudo, que em troca prometto empenhar-me com o bispo para que te faça cardeal para o anno.

Rosas deu uma longa risada.

— Vamos, disse elle, soltando as orelhas dos bufões, façamos as pazes.... sou perto de quatro horas, a alvorada não tarda, e eu quero descansar.... vamos, soldados á frente! marchem! armas ao hombro, carregar! preparar!... fogo!!!

Os doudos tinhão obedecido ás vozes de mando, isto tudo fazendo caretas e dando pulos ridiculos.

A voz de fogo, começarão a fazer esforços e contorções, os mais extravagantes, e quanto mais se esforçavão elles, mais ria-se Rosas.... por fim com fingida surpresa exclamou:

— Como é isto? mando a ambos fazer fogo, e só a espingarda do leigo disparou!

— Não, não, commandante, respondeu Rignão vermelho como um camarão, deixa-me preparar a escorva, que a outra molhou-se....

— Bravo! exclamou Rosas applaudindo a resposta do doudo, ao passo que Rignão desespera-

do por não poder fazer fogo desatou a chorar cahindo de socco velho sobre o padre leigo.

Rosas ria-se como um perdido. Quando pôde moderar a sua hilaridade, disse :

— Cala-te Rignão, não chores, ficas perdoado, com uma condição porém....

— Qual é ella?

— Principia a descompor, em regra, cá ao nosso padre cego, enquanto que sua reverencia por acto de humildade resa a ladainha que eu lhe tenho cusinado; vamos, principiém lá que eu vou ver se durmo um bocadinho.

Rosas deitou-se em um sofá, e fechou os olhos; ao mesmo tempo os doudos derão execução ás suas ordens : Rignão proferindo as mais ho. ríveis blasphemias, enquanto que o padre leigo, imitando o tom nasal dos frades, recitava a modo de oração uma longa serie de palavras obscenas e disparatadas.

Durante alguns minutos os doudos continuá-rão a sua tarefa, não sem espreitarem todos os movimentos do seu senhor. Comtudo em breve todos os indícios erão de que o seu atormentador dormia profundamente : então elles, fazendo-se acenos de intelligencia, calarão- e, e retirando-se cada um para o seu canto, ficarão adormecidos na realidade.

Pela sua vez Rosas os espreitava : teve a pachorra de os deixar adormecer, e, quando julgou que era tempo, levantou-se com cautela, e tomando um grande folles chegou-se a Rignão. O primeiro impulso do doudo foi gritar, mas um gesto terrível do seu carrasco o deteve em seus gemidos, e Rosas começou a soprá-o pela boca, afogado em riso, das coretas tragico-bufas do desgraçado!....

Quando o doudo chegou a exaltação do frenesi e do soffimento Rosas retirou o folles, e tomando um grosso ve galho foi ao pello do padre leigo.

O infeliz bufão, tão desabridamente acordado, desatou a chorar, que é o refugio dos que padecem; porém Rosas ordenou-lhe que ri-se ás gargalhadas, e o pobre coitado ria-se e chorava ao mesmo tempo, ao compasso da terrível sova que lhe macerava cruelmente o corpo; e esta festa toda era coroada pelos exercicios de Rignão que em pinotes gemendo e suando arrotava horriavelmente, expellindo o ar que acabara de receber no estomago.... E Rosas a rir que ja não podia mais, e a continuar a farça, até que Rignão não teve mais ar que despedir, e até que o padre leigo cahiu no chão torcendo-se nas convulsões da desesperação e da dôr!

Era um momento de festa para o tyranno !... era aquella a occasião de divertir-se no interior da sua casa !

Os doudos macerados, e moidos, meios chorosos ainda, olhavão para elle desconfiados, desde o canto onde se tinham refugiado.... seus gestos seus trejeitos, as entrecortadas palavras que ent e si trocavão, erão todavia um incitativo á hilaridade do carrasco. Passados alguns minutos Rosas quebrou osilencio :

— Padre leigo ?.....

— Senhor !

— Venha sua Reverencia para aqui.

— Não quero Padre Prior.... estou muito zangado, e amanhã vou dizer ao Bispo que não te faça mais cardeal para o anno.

— Vamos ! insistia Rosas em tom compungido, perdoe-me vossa Reverencia... para outra vez tocar-lhe-ha o folle á sua Reverencia e o vergalho a Rignão....

— Niclisl... nada de folle, nem de vergalhos... o Padre Prior não tem indulgencia senão levantando-me amanhã a abstinencia de comida em que estou.

— Concedido padre cego ! prometto-lhe amanhã que o farei comer até sua Reverencia tocar com o dedo o comer nas guelas....

— Antesisso, que jejuar e ser su. rado e não dormir, mormurou o doudo.

— O Padre leigo, pôde recolher-se a descansar, mas primeiro deite-me suas benções !

O doudo fez umas gatimonhas grotescas e sahio a correr.

Rosas chamou.

— Rignão?

— Não sei de nada ! não quero ouvir respon-  
deu o doudo com ar zangado.

— Estás mal commigo governador ?

— Olé ! o que l... governador ?

— Vamor, vem cá a fazer as pazes com teu velho João Manoel, e te prometto que na primeira função que houver agora, vas no meu logar na sege, de chapeo armado e espada.

— Bravo ! Muito bem; mas pehotreguas ao folle !

— Concedido governador, para outra vez, sera o padre cego e tocar-te-ha a sova.... heim? que-tal?

— Ne quação... o que? nada! não estou por isso!

— Bom, eu não te farei nada, mando-te re-  
commendado a Coitinho, gostas.

— Safa ! não quero....

Então não ha pazes e eu me passo aos Unitarios !

— Não digas tal Rignão ; anda, vae, deita-te e amanhã, sae pelas ruas e dá beijos e abraços em todas as moças bonitas que encontrares.

— Viva o Restaurador ! gritou o doudo, dando um pulo : adeus collega ! boas noites !

— A's ordens do Sr. Governador, respondeu Rosas poudo-se em pé e retribuindo com outras tantas as medidas ridiculas do bufão.

O dia raiaua já no orizonte; Rosas tocou uma campainha e pediu mate.

(Continua.)

### CHRONICA DA SEMANA.

Confesso-vos minha estimavel D. Joanna que ainda ousou escrever desta vez, porque muito me tem animado o velho Santos, aquelle antigo guarda portão da nossa casa : vós o conhecestes antes de fazeres a vossa viagem aos Estados- Unidos. Pois ainda é o mesmo. Songamonga vivorio, conhecendo a meiomundo, não conhece a ninguém. ouvindo ás mil maravilhas, é surdo rematado, muitas vezes quasi que diz que é cego, quando elle é capaz de ver um mosquito no corcovado.

Em fim o Santos é aquelle mesmo Santos que cá deixastes ficar, e que ainda não se despediu



do nosso serviço, porque diz, que nos ama muito e que me viu pequenina.

Esta última parte é recommendavel.

Com effeito parece que assim é: depois que vos levou os meus primeiros originaes e o recado que vos mandei, dizendo-vos que não podia continuar a escrever a semana por não ter quem para esse fim me fornecesse certos dados, que nós mulheres não podemos estar com essas cousas; voltou no dia seguinte pela manhã á minha sala, e com a cabeça baixa, mastigando muito as palavras disse-me o seguinte:

— Minha ama saberá que toda a santa noite não pude pregar olho! tenho levado a maluciar até agora n'aquelle recado que mandou á Sra. Noronha... acolá ha dente de coelho...

— E que te importas tu, Santos, que os meus recados não fiquem ao alcance da tua intelligencia! desde que os entregas fielmente, nada mais tens que fazer, e eu estou satisfeita.

— Ah senhora... mas não é por ahí que vae o gato aos filhoses... o que me fez martelar a cabeça toda a noite, foi a Sra... com licença da Sra., foi a Sra. mandar dizer no fim—nós mulheres não podemos estar com estas cousas. Eis ahí está.

— Mas o que tem isso para te causar essa atrapalhação toda?

— O que tem? tem cá para o vosso velho criado, que vos viu pequenina e que vos estima até o gasganete, uns riscos de afronta, assim como quem diz: tenho um criado que me podia servir, mas não me serve porque não presta, é estúpido!

Perdi-me de riso á ouvir estas observações do Santos. Não pude entretanto deixar de lhe reconhecer mais uma prova de dedicação, ou de refinada curiosidade de querer descobrir em que consiste a nossa correspondencia; e para ensaiar-o sem entrar em declarações, respondi-lhe apenas.

— Está bem, Santos, não te afflijas por isso; eu vou dar-te provas do contrario. De hoje em diante deves passear por essas ruas da cidade quando e como quizeres; pára, conversa, escuta, dá fé de tudo, mas, que ninguém te suspeite, sentido Santos! depois volta quando entenderes que assim o deves fazer, e dá-me conta do que viste e ouviste durante o dia. Ora ahí tens tu um meio com que podes provar que não és estúpido e que prestas ainda para um bom serviço.

— Ah... isso agora já me agrada. V. Ex. precisa deste seu velho criado para lhe andar por ahí biscoitando as novidades desse mundo de Christo, com tanto que ninguém me bispe no atalho. E', ou não, isto que minha ama determina?

— Comprehendeste, é isso mesmo o que eu quero; mas deves dar hoje principio aos teus trabalhos, que não ha tempo a perder.

— Estou sempre prompto ao serviço de V. Ex. Porém... esta nova incumbencia não me tira o meu emprego? isto é só perguntar; perdoe minha ama o atrevimento.

— Por certo que não; tu serás sempre o nos-

so guarda portão. Considera-te, Santos, em commissão, e seguro no teu emprego.

— Isto é que é fallar claro com a gente. Então eu vou ver se tenho geito para a encomendinha, e depois veremos que tal é o sobrescripto. A's ordens de V. Ex.

— Vae Santos; cuidado que ninguém te pilhe.

Sempre entendi que o Santos era capaz de muito, conheço-lhe as predisposições e o geito que tem para ageitar-se e entremetter-se em tudo, mas não lhe dava tanta habilidade! tanta finura! Hoje o tenho em grande conta: é um destes homens perigosos e convenientes, que vivem desconhecidos, girando na mesma classe toda a sua vida.

Tem desencovado mortos, e enterrado vivos; de mil cousas está ao facto; até já me falla em negocios politicos, em subida e descida de cambios, compra de apolices, &c. &c.

Deixemos porém o velho Santos instalado em o seu novo emprego, e vamos conversar com as condescendentes leitoras, que já devem estar impacientes.

E então, não gozastes de uma semana tão fresca, de manhãs tão bellas, de noites tão temperadas? Que Paschoa! que dias tão tentadores! Que me dizeis da alegre madrugada de Domingo passado? oh! eu não preguei olho.

Os sinos todos a repicarem, o povo apinhado nas ruas, a cruzar os largos, a lua clara e argentina, como é a lua da nossa terra, um instante mais, os batalhões que se approximão para acompanharem as Procissões com sua musica alegre e influente, d'ahi a pouco foguetes do ar, canticos solemnes... La vem sahindo um immenso grupo de luzes da porta principal da Igreja do Bom Jesus! E' a Procissão da Ressurreição, acompanhada com toda a pompa, que vae percorrer algumas ruas da cidade. E' aquelle grande clarão que se divisa lá d'aquelle outro lado? E' uma igual Procissão que sahio da Ordem Terceira da Penitencia: que musica brilhante que ella traz! como vem bem disposta!

Todas as Freguezias tambem praticarão a mesma solemnidade; apenas S. Francisco de Paula reservou-se para as dez horas da manhã. Mas tudo isto, benevolas leitoras, em uma madrugada clara fresca e serena, é lindissimo para quem está de saude, livre de desgostos e compromettimentos amatorios. Debaixo dos finissimos lençoes por certo não se goza de uma destas encantadoras madrugadas: como é bello! o coração pulsa alegremente, a alma expande-se, o corpo retoma o seu antigo vigor, e transbordalhes o bom humor e um indissivel prazer, que o não pôde explicar quem o sente, mas o frue com delicias.

Quereis saber de uma coisa? Pois o Santos não encontrou a essa hora (1 horas da madrugada!) crianças de peito e meninos ao collo a berrar, a chorar nos apertões das Igrejas e nos encontrões das Procissões!! Ora é muita crueldade! Não basta obrigar as innocentes criaturinhas a acordar a taes horas, ainda em cima as sacrificio a ficar entaladas em alguma esquina: ou esmagadas pelos pés do povo em confusão!

Forte gente desmiolada: convencerão-se que o verdadeiro amor de mãe consiste em andar com os filhos ao pescoço, e binguem as arca d'ali!

—Uma das mais interessantes noticias que vos posso dar, é sem duvida a de duas senhoras francezas que ultimamente se formáram em medicina pela Universidade de Montpellier. Evito commentar este facto, para não entrar em desagradaveis comparações. Nem quero que algum praguento diga por ahí, que a *chronica da semana* só louva as mulheres, por ser do mesmo sexo. Deus me defenda de tal teugão, por isso vou declarando desde já que louvo taubem os francezes que—dão o seu a seu dono.

—Eu que sou tão sensível ás despedidas... ora não pude deixar de ter saudades dos muitos passageiros do *Severn* que se despedirão tão attentiosamente pelo *Jornal* de 14 do corrente; ao mesmo tempo invejei-lhes a viagem em companhia de tão excellente capitão, que me dizem ser homem muito amavel. Boa viagem terão elles.

—A emigração para Petropolis, esse jardim encantador do Rio de Janeiro, foi immensa durante as fessas da Paschoa; a contarmos com a gente que antes lá se refugiara da febre, a qual desta vez, graças ao altissimo, não chegou a amarellecer déveras, temos oitocentas e tantas pessoas da cidade em Petropolis. Calculo feito pelo Santos e o mestre da barca.

Entre muitas noticias que me trouxe o Santos, das quaes algumas irei publicando, outras ficão esperadas, e outras archivadas, ha a seguinte que vale apenas referir-vos já. E' um testamento feito a 11 de Abril de 1852 por uma alma bem-fazeja que se retirou para Europa. Esse testamento estabelece por sua *herdeira universal* a uma criatura, que lhe servia de enfermeira por espaço de anno e meio na molestia das mais freneticas do corpo humano—com a clausula porém d'ella receber por mão do seu testamenteiro a quantia somente de 800 rs. annuaes em quanto viva for, nunca podendo exigir toda a fortuna, de que ficará sendo herdeira, se Deus chamar o testador a contas finaes, não no caso de *professar no convento de Santa Theresa!*

E' muito de support que ella não tenha vocação alguma para a vida de freira, e que para isso muito inquirá o afortunado testamenteiro.

Os theatros, depois do feriado da quaresma, estão todos em serviço.

O provisório ensaia a *Favorita*, para a estréa

de Mme. Rosiña Stoltz, ópera de sua paixão, em que faz brilhaturas; o de S. Januario ensaia tres arias de grande novidade para o jocoso Martinho desempenhal-as; o de S. Francisco um drama novo, o de S. Pedro acerta o madeiramento interior e prepara as tintas para começar sua pintura.

Quizera dar-vos conta das fazendas e modas de Paris chegadas no *Severn*, mas até o fazer desta ainda não tinham sahido d'Alfandega; ficará para o numero que vem.

A estréa do baile do Cassino este anno deve ser elegantissima á vista dos lindos vestidos que já se preparão nas casas das nossas primeiras modistas do bom-tom. Creio ser o dia 26 do corrente o que nos trará essa desejada noite de enlevos e feitiços. Esperemos pois mais uns dias.

Neste momento chega-me a noticia do *Grande banquete brasileiro em Paris* dado pelo Ministro Plenipotenciario do Brazil, o cavalheiro Lisboa, em a grande e magestosa sala *des freres provençaux*, no Palais-Royal, sala reservada aos banquetes do Corpo Diplomatico. Foi um sumptuoso banquete em tudo digno da representação do nosso ministro. O cavalheiro Lisboa reuniu a flor dos residentes brasileiros em Paris e mais algumas outras notabilidades; estrangeiras ao todo quarenta pessoas, na tarde de 25 de Fevereiro, e lhes offereceu um dos mais esplendidos festins que o celebre estabelecimento culinario tem preparado. Honra ao cavalheiro Lisboa. Sinto tão acanhadamente apresentar-vos estas e outras noticias, em que o coração brasileiro, quer de homem quer de mulher, pulsa com tanta alegria. Desejava contar-vos tudo tin tim por tin tim.

Os negociantes brasileiros em Montevideo não deixarão passar despercebido o nosso dia 25 de Março; tambem n'essa noite derão um magnifico e brilhante baile recamado de todos os enlevos que reguer uma função de primeira ordem.

Fecho esta dando-vos parte que em breve teremos por ca o celebre e insigne artista *Talberg*, e talvez, talvez o *Bosco* esse endemoninhado prestidigitador, que tem feito furor em Paris.

— Santos!

— Minha ama!

— Vae levar esta papelada toda á mui digna Redactora em chefe do *Jornal das Senhoras*, e dize-lhe que o dito, dito: pedra em cima, se lhe não agrada.

16 de Abril,

Bellona.

## JORNAL DAS SENHORAS.

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado lundú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

SUBSCREVA-SE para este jornal nas casas dos Srs. WALLERSTEIN E COMP. n. 70, A. E F. DESMARIS n. 86, MONGIE n. 87 rua do Ouvidor; e na Typographia de SANTOS E SILVA JUNIOR, rua da Carioca n. 32.

TODA a CORRESPONDENCIA é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das casas mencionadas.

PREÇO DA ASSIGNATURA: Por tres mezes 30000 rs. na Córte, 40000 rs. para as Provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro.—Typographia de Santos e Silva Junior, Rua da Carioca n.º 32.